

DOSSIÊ

GÊNERO EM DISPUTA: CONFLITOS POLÍTICOS, IDENTITÁRIOS E SOCIAIS

Organização

Marcos Figueiredo/ Maria Silveira/ Mariana Sousa



REVISTA ZABELÊ EXPEDIENTE

DISCENTES PPGANT - UFPI

Revista Zabelê
Discentes PPGANT - UFPI
Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade Federal do Piauí
Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga,
Teresina, Piauí.
CEP 64049-550 - Tel.: (86) 3237-2152

Reitor

Prof. Dr. Gildásio Guedes Fernandes

Vice-Reitor

Prof. Dr. Viriato Campelo

Conselho Editorial

Antônio Andreson de Oliveira Silva

Cristhyan Kaline Soares da Silva

Edilson Pereira Nascimento

Hélio Martins Linhares

Jussarina Adriana da Silva Carvalho

Marcos Paulo Magalhães Figueiredo

Vida Marília Miranda Cruz

Editoras-Chefes

Deanny Stacy Sousa Lemos

Lorrana Santos Lima

Organização

Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo

Maria Clara Teresa Fernandes Silveira

Mariana de Carvalho Sousa

Revisão

As/es/os autoras/es

Diagramação

Lorrana Santos Lima

Arte da Capa

Janaina Rodrigues de Sousa



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo/ Maria Clara Teresa Fernandes Silveira/ Mariana de Carvalho Sousa.....	4
--	---

ARTIGOS

Trajетórias e experiências educacionais de pessoas não-binárias: reflexões teóricas para a construção de uma agenda de pesquisa

Inaê Label Barbosa.....	12
-------------------------	----

Mulheres nos jornais e produção jornalística feminina do Piauí (1830-1900)

Erika Ruth Melo da Silva.....	27
-------------------------------	----

Câmera, luz e humilhação: intersecções entre gênero, emoção e humor na televisão brasileira

Matheus Cunha/ Bianca Floresta de Sá.....	52
---	----

Gênero, classe e etnia nos processos seletivos: considerações em seleções de mulheres na cidade de Teresina - PI

Regina Rodrigues Medeiros / Francineide Pires Pereira.....	86
--	----

ENSAIO VIRTUAL

Corpos masculinos: entre labutas portuárias

Paulo César Marques Holanda/ Italo Gonçalves.....	113
---	-----

RESENHA

As tecnologias digitais da informação e comunicação em disputa na América do Sul: reflexões sobre gênero e geração

Gabriel Gesteira Sales Torres/ George José dos Santos Lima/ Raimundo Batista dos Santos Júnior.....	125
---	-----

ENTREVISTA

Conhecendo o 180: uma pequena conversa com Ellen dos Santos Costa

Mariana de Carvalho Sousa/ Maria Clara Teresa Fernandes Silveira/ Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo.....	137
---	-----

RESUMOS PÓS-GRADUANDOS.....145

Apresentação

GÊNERO EM DISPUTA: CONFLITOS POLÍTICOS, IDENTITÁRIOS E SOCIAIS¹

MARCOS PAULO MAGALHÃES DE FIGUEIREDO

Doutorando em Ciências Sociais - Universidade Estadual de Campinas

Email: marcospaulomagalhaes25@gmail.com

MARIA CLARA TERESA FERNANDES SILVEIRA

Mestra em Sociologia - Universidade Federal do Piauí

Email: mctfernandes7@gmail.com

MARIANA DE CARVALHO SOUSA

Mestranda em Ciência Política - Universidade Federal do Piauí

Email: mcarvalho@ufpi.edu.br

¹ Dedicamos este dossiê para Laudeci de Oliveira Carvalho (in memoriam), mãe da pesquisadora Mariana de Carvalho Sousa.

Ao longo da história, o pensamento científico, incluindo as ciências sociais foi construído sob a égide de uma objetividade dominante que ainda se reflete nas produções acadêmicas contemporâneas. Esse viés objetivista está intimamente ligado à colonialidade do saber, que desvaloriza o conhecimento produzido fora do norte global, como nos Estados Unidos e países europeus, e também leva em consideração fatores como raça e gênero. É importante destacar que a ciência moderna foi moldada por uma subjetividade muito específica: a do homem hétero e cisgênero branco do norte global. Essa perspectiva limitada negligenciou todo um vasto grupo de pessoas que não tinham acesso ao papel de pesquisador, perpetuando assim desigualdades e exclusões no conhecimento científico.

O debate acerca das diferentes expressões de gênero entre as pessoas está presente nas ciências sociais em textos pioneiros das disciplinas. Anterior ao próprio estabelecimento da produção teórica de gênero, as desigualdades e diversidades entre homens e mulheres já existiam, bem como as inquietações a respeito das diferenças entre os sexos.

Em um primeiro momento essas diferenças eram destacadas, não com uma intenção de estabelecer que ambos são iguais sujeitos de direitos, mas de evidenciar as diferenças que mantêm padrões de dominação e subalternidade. A exemplo das reflexões de Evelyn Fox Keller (2006), bióloga feminista, que enfoca os impactos do feminismo na ciência, especialmente na área da embriologia. Ela ressalta a importância de questionar a tradicional passividade atribuída ao óvulo em contraste com a atividade do espermatozoide durante a fecundação, abrindo espaço para novas reflexões sobre masculinidade, feminilidade e padrões de atividade.

Nas ciências sociais, Sandra Harding (1991, 1998) enfatiza a necessidade de corrigir o androcentrismo dos estudos tradicionais, valorizando as contribuições femininas em todas as esferas, não

apenas nas áreas consideradas prioritárias pelos homens. É essencial considerar as mulheres inseridas na sociedade como vítimas de diversas formas de dominação masculina, não apenas como objetos de estudo, mas também como cientistas sociais que produzem pesquisas.

Donna Haraway (1995) aborda a questão da objetividade na "boa ciência" e discute as críticas feministas às doutrinas de uma objetividade descorporificada, que sustentam a noção de neutralidade e transcendência. Para Haraway, o conhecimento é sempre produzido a partir de uma perspectiva parcial e localizada do pesquisador, e a objetividade feminista valoriza a ideia de conhecimento situado e limitado, em detrimento da separação entre sujeito e objeto. Essa abordagem nos incentiva a assumir responsabilidade pelo que aprendemos a enxergar.

Meio à pesquisas sociológicas e antropológicas as questões de gênero sempre apareciam, sem enfoque, onde as problematizações críticas não chegavam a desnaturalizar a suposta superioridade do homem. De uma forma quase que tragicômica, os discursos e saberes que defendem uma perspectiva puramente biologizante da diferenciação sexual apresentam um paradoxo: reproduzem a mesma gramática cultural de gênero que tanto rejeitam ou combatem.

A sub-interpretação também esteve muito presente, desde a revolucionária teoria de Freud na psicanálise até os ideários de transformação dos novos meios de produção. Basta rememorar a relevância de Helieth Saffioti (2013) em sua obra sobre a inserção da mulher em uma sociedade marcada pela divisão de classes sociais. Sua obra, publicada originalmente como tese de livre docência, se debruça nas especificidades da formação do modo de produção capitalista em uma sociedade que ainda possui marcas do período colonial e escravagista. O olhar de Helieth Saffioti (2013) foi capaz de produzir uma teoria consistente e de

fôlego sobre a mulher no modo de produção capitalista, de forma geral, mas também, oferta para pesquisadoras e pesquisadores ferramentas para refletir em contextos dos países que foram ex-colônias europeias.

No âmbito dos estudos de parentesco, área mister da produção do conhecimento antropológico, os estudos que articulam relações de gênero e parentesco foram substanciais para complexificar a dicotomia natureza/cultura “Câmera, luz e humilhação: intersecções entre gênero, emoção e humor na televisão brasileira” (PISCITELLI, 1998). Os espaços ligados aos saberes biomédicos proporcionam exemplos primordiais de como a produção do saber científico possui como farol uma gramática cultural normativa, hegemônica e cristalizada das relações de gênero. Paula Machado (2005) explicita como diferentes especialidades da medicina fazem uso de mecanismos distintos para intervir nos corpos de bebês intersexo. Médicos - e também os familiares - tecem saídas para normatizar a genitália infantil conforme o padrão cultural vigente. Já Mariza Corrêa (2004) relata o caso de Agnes, uma pessoa intersexo que na fase adulta, manipulou o repertório cultural ao seu favor com o intuito de ludibriar os saberes que lhe impuseram obrigatoriamente o gênero masculino.

A sub-representação no fazer ciência de pesquisadores diversos é apenas uma das dimensões dos impactos das desigualdades de gênero no meio social, ou seja, nas pesquisas científicas. Destaca-se que mesmo a instituição validada socialmente como fonte segura de informações comete erros de julgamento por conta de preconceitos que estão estabelecidos ao longo da história.

O âmbito da política, onde os governos, no caso brasileiro - democrático - decidem sobre quais normas sociais devem ser seguidas para a garantia da ordem e bem-estar da população, é influenciado pelas ideologias dos governantes que ocupam o poder. Os papéis de gênero são

reforçados ou desconstruídos conforme a ideologia de quem ocupa essa posição. Há quem queira manter os padrões de desigualdade e conservar a estrutura patriarcal que subjuga os lugares de mulheres e homens, negros e brancos, pobres e ricos. Sem mencionar a heteronormatividade embutida no combo do conservadorismo ideológico, propagado por masculinidades frágeis que também se utilizam da moral cristã.

Essas ideologias necropolíticas que valorizam algumas vidas mais que outras, conforme Butler em "Vidas que Importam", disseminam suas ideias torpes por meio de mentiras para a população, como a fatídica "ideologia de gênero", que praticamente "jura" que o ensino de gênero vai transformar todas as crianças em homossexuais e ensinar práticas inadequadas ao caráter e bons costumes. É comprovado por pesquisas que o ensino de gênero, nas escolas, por exemplo, diminui os casos de abuso sexual, pois informa as crianças quais comportamentos são inadequados no âmbito privado de convivência, já que é conhecido que, nesses casos de abuso, os criminosos são em sua grande maioria membros da família ou pessoas próximas, pelo fácil acesso e confiança que se dá para se aproximar da criança ou adolescente.

O medo dos conservadores é que a bolha frágil como as suas masculinidades seja rompida pelo difícil estabelecimento da realidade e verdade sobre as relações de gênero. Homens e mulheres como iguais geram harmonia para todas as pessoas, ao mesmo tempo que retira alguns homens de uma posição de privilégios da qual é mais fácil permanecer. Enquanto isso, mulheres, meninas, pessoas negras, homossexuais e transgêneros seguem prejudicados pela perpetuação dos ensinamentos, que se mantêm como normativos, de que são pessoas erradas, subalternas, abjetas. A moral dos valores é deturpada por considerações irreais sobre os moldes de cada corpo e o lugar que cada um deve ocupar.

Assim, mulheres têm mais dificuldade em adentrar o mercado de trabalho e progredir em suas carreiras, ocupando cargos de liderança. Precisam se reafirmar como femininas e belas o tempo todo para conseguirem respeito, ao mesmo tempo que são descredibilizadas como competentes por seguirem esses padrões, já que a objetividade, tão nutrida no meio científico inclusive, é um valor atribuído ao homem e ao masculino.

Meninas, já na primeira infância, são ensinadas a brincar de bonecas, meninos são proibidos de interagir com esse tipo de brincadeira, porque é coisa de menina e, na ideologia conservadora, o pior que pode acontecer ao homem é ele ser associado de alguma forma à mulher ou ao comportamento feminino, talvez porque eles mesmos saibam da precariedade que vem intrínseca a esse sexo e identidade de gênero.

A igreja também é uma das grandes responsáveis pela manutenção dessa ideologia patriarcal, que funciona para manter a estrutura da família, que convenientemente serve ao sistema capitalista. A mulher é vista como serva, subjugada, imagem da costela do homem que não resistiu às tentações e destruiu a imagem do paraíso.

Uma figura mitológica mística, com poderes sobrenaturais, pode manipular os homens e destruir suas vidas, uma vez que na prática todo o sistema era mantido para subtrair os direitos e possibilidades de agência da mulher e do feminino. As perigosas bruxas, feiticeiras, queimadas nas fogueiras, estupradas, negadas à sua verdadeira vivência natural de existir e ocupar o mundo em que nasceram e nutrem, já que o sexo feminino é o que dá à luz aos seres humanos. Base da economia da produção e nutrição da força de trabalho masculina mal remunerada, por meio da própria força de trabalho doméstico não remunerado.

Abrimos este dossiê com o manuscrito de Inê Barbosa. No artigo intitulado **Trajetórias e experiências educacionais de pessoas não-**

bináries: reflexões teóricas para a construção de uma agenda de pesquisa analisa formas de ingresso, bem como o percurso no segmento educacional de pessoas não-bináries. Assim, o manuscrito lança luz à um efervescente e conflitivo debate na seara dos estudos de gênero contemporâneo.

A partir de um belo imbricamento da literatura com a história, Erika Silva analisa a escrita de mulheres na imprensa feminina no estado do Piauí. A autora expõe sobre o processo de formação, seus desdobramentos e o impacto que os escritos da imprensa feminina piauiense. Sem sombra de dúvida, o artigo **Mulheres nos jornais e produção jornalística feminina no Piauí (1830-1900)** é uma valiosa contribuição para este dossiê.

Em **Câmera, luz e humilhação: intersecções entre gênero, emoção e humor na televisão brasileira**, Mateus Cunha e Bianca de Sá problematizam e complexificam as formas de representação de mulheres trans na televisão brasileira. A escrita do artigo, além de um debate teórico, causa no leitor um sentimento de nostalgia acrescido de uma auto reflexividade, que faz com que o leitor questione práticas violentas que eram ainda mais naturalizadas em décadas passadas.

As pesquisadoras Regina e Franciende brindam essa edição com um artigo fruto de pesquisa monográfica. Em **Gênero, classe e etnia nos processos seletivos: considerações em seleções de mulheres na cidade de Teresina-PI**, é demonstrado como os processos seletivos permanecem reproduzindo os mecanismos que privilegiam determinados grupos sociais.

Este dossiê ainda conta com uma bela resenha escrita por Geovane Gesteira Sales Torres; uma entrevista com Ellen dos Santos Costa, servidora do Ministério das Mulheres acerca do disque 180. Por fim, este dossiê foi apresentado com o ensaio virtual **Corpos Masculinos: entre labutas portuárias**, de Paulo Holanda e Italo Gonçalves.

REFERÊNCIAS

Corrêa, Mariza. “Não se nasce homem”. *Trabalho apresentado no encontro Masculinidades/Feminilidades, nos Encontros Arrábida*, 2004.

Saffioti, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3º Ed. Expressão Popular. São Paulo – SP, 2013.

Haraway, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva da parcial.” *Cadernos Pagu*, n.5, p. 7 – 41, 1995.

Harding, Sandra. “Is there a Feminist Method? In: Harding, Sandra. *Feminist and methodology*. Indiana: Indiana University Press, 1987.

Harding, Sandra. “Whose Science? Whose Knowledge?: thinking from women’s lives”. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

Keller, Evelyn Fox. “Qual foi impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu*, n.27, p.13 – 34, 2006.

Machado, Paula Sandrine. ““Quimeras” da ciência: a perspectiva de profissionais da saúde em casos de intersexo”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 20. p. 67 – 80, 2005.

Piscitelli, Adriana. “Nas fronteiras do natural: gênero e parentesco”. *Revista Estudos Feministas*. p. 305 – 321. 1998.